

O mal de origem—

HÁ uma crise flagrante da saúde no Brasil, de que todo mundo poderá falar: os indicadores estão ao alcance de qualquer um. Mas há também, em paralelo e intimamente conexas com essa primeira crise, uma outra, de que só alguns podem falar com conhecimento de causa: a crise da medicina brasileira.

POR conhecê-la de perto, o Conselho Regional de Medicina (CRM) de São Paulo, junto com a Associação Paulista de Medicina, procedeu ao teste de aptidão de que saiu um resultado estarecedor — 60% de reprovados. Insinuando a reação em cadeia da falência: de médicos insuficientemente habilitados necessariamente brotarão erros; e erros que têm nomes trágicos, por terem sido praticados sobre seres humanos.

É DIFÍCIL a apuração judicial desses erros culposos: a Justiça terá que se remeter a uma perícia médica criteriosa, escrupulosa, com sérios problemas para distinguir o erro accidental do erro culposo, salvo o caso de erro crasso e flagrante. Muito mais difícil será, em consequência, a reparação, quando possível.

INTERESSA à medicina brasileira que essa crise seja de-

lada. Interessa-lhe que haja como não bater em vão às portas da Justiça. Interessa-lhe que a profissão de médico seja reabilitada, sanando-se os erros por iniciativa da própria categoria profissional, sem jamais pretender escamoteá-los.

ORA, o constatado pelo CRM de São Paulo está sendo comprovado pelos trabalhos do patologista Sílvio dos Santos Carvalho, chefe do Departamento de Patologia da Universidade Católica de Campinas. Esses trabalhos, realizados sobre necrópsias em dois hospitais-escola, mostram erros de diagnóstico em percentuais exatamente iguais ao da falta de qualificação verificada nos testes do CRM. Mostram que apenas 40% dos diagnósticos médicos poderiam ser confirmados nas necrópsias; e, pior ainda: que dez por cento dos pacientes morreram em consequência de erros graves de diagnóstico. A possibilidade se fez realidade.

O QUE está por detrás dessa realidade? Estão as Faculdades de Medicina autorizadas e reconhecidas sob pressão de lobbies políticos e sem aval algum técnico; vale dizer, sem qualquer responsabilidade ética. Estão as residências médicas sem supervi-

são, já que o número de médicos anualmente diplomados é mais de duas vezes e meia superior ao número de vagas de residência no País. Está a supressão, nas escolas, da cadeira de Diagnóstico Médico.

TAIS falhas de origem têm seu correlativo no quotidiano. São os doentes, expostos, constantemente tanto quanto inconscientemente, ao amadorismo escondido atrás de um diploma. É a incerteza angustiante que ronda as emergências cirúrgicas e os prontos socorros. É o paciente transformado reduzido a cobaia — a anima vilis de que falava uma medicina que, menos aparatada tecnicamente, era talvez mais circunspecta e sobretudo mais eticamente consciente.

URGE reabilitar a medicina brasileira. Porque, com ela, será a condição do homem brasileiro que será restaurada. Desse homem que não pode ser diminuído para ser enfocado sob a abstração anódina de um caso — ainda que caso médico. Desse homem que tem mais direito à vida que o profissional médico ao exercício da profissão. E que não pode ser tratado como um sentenciado em sursis, ou a aguardar clemência.